

# CLASSICISMO NOS HOSPITAIS DA MISERICÓRDIA E DA BENEFICÊNCIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX: TRÂNSITO ENTRE BRASIL E PORTUGAL

## CLASSICISM IN MERCY AND BENEFICENCE HOSPITALS IN SECOND HALF OF NINETEENTH CENTURY: FLOW BETWEEN BRASIL AND PORTUGAL

**Cybelle Salvador Miranda**

Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo,  
Coordenadora do Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural, Universidade Federal do Pará, Brasil  
cybelle1974@hotmail.com

**Fernando Jorge Artur Grilo**

Docente do Instituto de História da Arte, Mestrado em Arte, Patrimônio e Teoria do Restauro e do Doutorado  
em História da Arte da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa  
fgrilo@fl.ul.pt

**Joana Maria Balsa Carvalho de Pinho**

Investigadora do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa  
joanabalsapinho@gmail.com

### RESUMO

O estudo das instituições de saúde na cidade de Belém no século XIX, decorrentes da pesquisa “Memória e cidade: itinerários da saúde na Belém colonial e imperial” trouxeram à tona o intercâmbio estético da Arquitetura entre Brasil e Portugal. No período imperial, em especial na segunda metade do século XIX, há intenso fluxo de pessoas e ideias entre a ex-colônia e a metrópole. Deste modo, as influências recíprocas se fazem presentes, tendo como evidência o campo da arquitetura dos edifícios de saúde. A presente investigação busca contribuir para aprofundar o estudo das relações luso-brasileiras no âmbito da arquitetura, enveredando por recorte específico da arquitetura civil, que envolve as construções erigidas pelas Beneficências e Misericórdias no Brasil e em Portugal. O recorte eleito sugere desvendar as influências estéticas na Arquitetura que inaugura a *Belle Époque* paraense, de cunho classicista, bem como seus autores, assunto ainda não explorado pela historiografia local.

### PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura clássica | Hospitais | Misericórdias | Beneficências | relações luso-brasileiras

### ABSTRACT

The study of health institutions in the nineteenth century Belém, resulting of the research project “Memory and city: Health itineraries in colonial and imperial Belém” brought to light the aesthetic exchanges between Brazil and Portugal regarding Architecture. During the imperial period, especially in the second half of the nineteenth century, there was a high flow of people and ideas between the former colony and the metropolis. Thus, we can detect reciprocal influences, which can be seen in the architecture of health buildings. This research aims to contribute to deepen the study of Portuguese-Brazilian relations in architecture, focusing on civil architecture, which includes the buildings erected by Beneficences and Mercies in Brazil and Portugal. The selected case studies aim to unveil the aesthetic influences in architecture that launches the *Belle Époque* in Pará, of classicist nature, as well as its authors, a subject still unexplored by local historiography.

### KEYWORDS

Classical architecture | hospitals | Mercies | Beneficences | Portuguese-Brazilian relations

Na pesquisa “Memória e cidade: itinerários da saúde na Belém colonial e imperial”<sup>1</sup> buscou-se entender o desenvolvimento da cidade de Belém desde a época da Colônia até o final do século XIX, acompanhando a implantação e deslocamento das instituições de saúde, num cruzamento de tempo e espaço, de modo a esboçar itinerários da Belém da Saúde que possam subsidiar ações que venham a valorizar este patrimônio. Optou-se pelo recorte do século XVII ao XIX, a fim de conduzir o estudo no contexto inter-oceânico, desvendando as relações entre instituições lusas como as misericórdias, as irmandades e as beneficências e sua implantação na Belém colonial e imperial. Esta investigação culminou na detalhada descrição arquitetônica das seis edificações que constituem o quadro de instituições de saúde vigentes do século XVII ao século XIX na cidade de Belém.

Resultou das análises a predominância do classicismo imperial como estilo empregado nos hospitais, vertente que foi retroalimentada pela relação com Portugal.

Assim, abriu-se um novo caminho de investigação, o qual é objeto da presente pesquisa acerca do Classicismo nos Hospitais da segunda metade do século XIX, nomeadamente em Belém, Rio de Janeiro e cidades do Norte de Portugal. O entendimento da linguagem clássica predominante na arquitetura da capital paraense durante a segunda metade do século XIX faz-se necessário diante de sua subordinação ao rótulo “Eclético”, na produção científica local. Deste modo, temos como paradigma o Hospital D. Luiz I da Beneficente Portuguesa, o qual foi precedido por duas obras emblemáticas: a primeira escola primária construída pelo governo, e a sede do Banco Comercial do Pará, projetos do arquiteto português Frederico José Branco, sendo contemporâneos o prédio da antiga Escola do Barão do Guamá, o Palácio Antonio Lemos (1883) e o Teatro da Paz (1878), (Derenji, 1987) [fig.01].

Pretende-se, portanto, compreender a formação e difusão de uma arquitetura classicista entre o Brasil



Fig 01. Hospital D. Luiz I da Beneficente Portuguesa de Belém, 1854-1877, Frederico José Branco, Belém-Pa, Brasil (fot. de Laura Costa, 2013).

1. Pesquisa n.º 400566/2011-7, apoiada pelo Edital/Chamada: CNPq /CAPES N.º 07/2011, desenvolvida entre dezembro de 2011 e novembro de 2013.

(Belém-Rio de Janeiro) e Portugal (Lisboa-Porto – Fafe), tendo como documentos exemplares da arquitetura hospitalar produzida por instituições filantrópicas na segunda metade do século XIX.

Por três séculos teremos Portugal como a origem de toda e qualquer referência arquitetônica brasileira, até o período imperial, quando haverá uma inversão do fluxo de influências, Apenas três décadas após sua independência, veremos a produção de uma arquitetura inovadora no Brasil, o ‘Classicismo Imperial Brasileiro’, que chamará a atenção de sua antiga metrópole ao ponto de tomar para si tal estilo, que virá a ser denominado de ‘Classicismo à Brasileira’ por Alberto Sousa no livro “A variante portuguesa do classicismo imperial brasileiro” (Sousa, 2007).

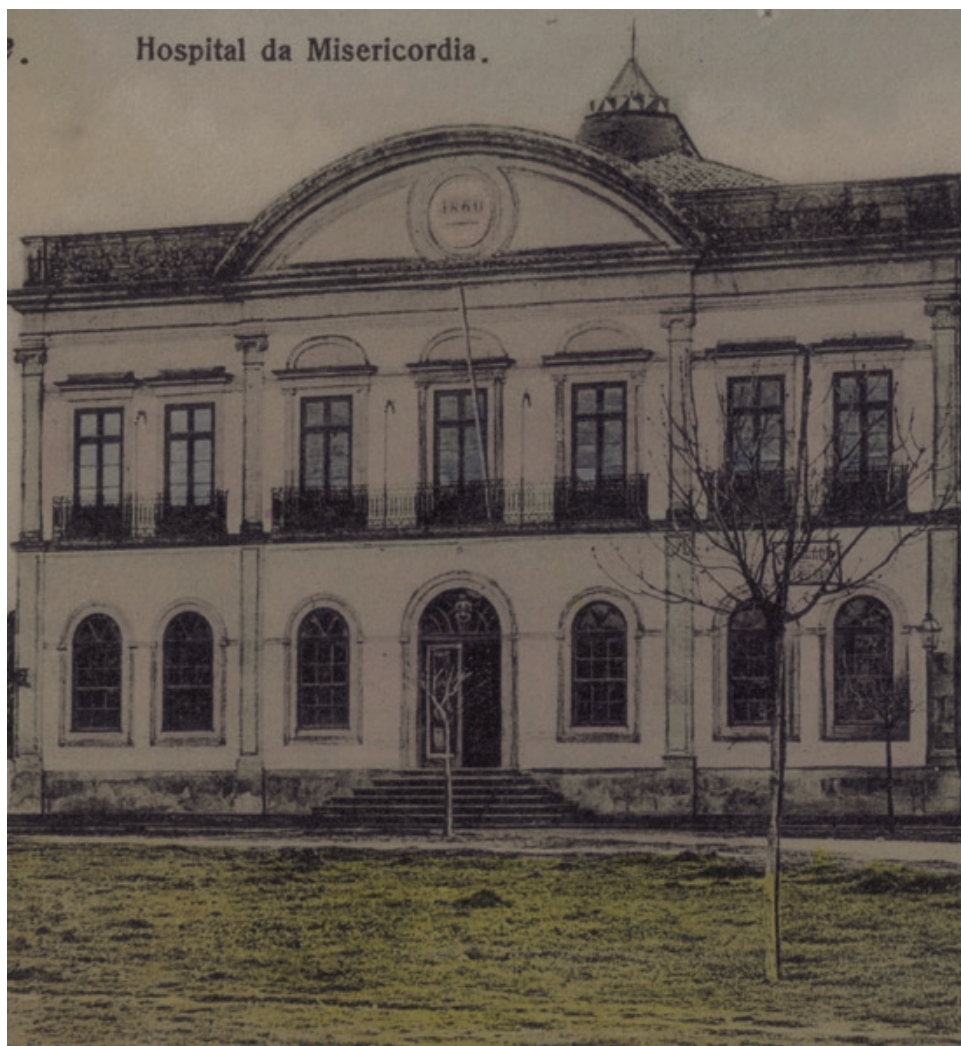
A arquitetura em questão destaca-se por seus elementos estilísticos marcantes, em que os mais característicos serão, primeiramente o uso das platibandas, sendo no *Classicismo Imperial Brasileiro* mais comum o uso de platibandas cheias, enquanto que o *Classicismo à Brasileira* apresentará mais fachadas com platibandas

vazadas e com balaústres. Esta será a característica que define o estilo, visto que a presença deste traço e de vãos encimados por vergas semicirculares serão determinantes para julgá-lo como Classicismo Imperial Brasileiro, por mais que em algumas obras vejamos variações, tais como: vãos com verga semicircular, concentrados num pavimento, e vãos com outros formatos de verga colocados no outro, formando assim um grupo à parte que possui características singulares dentro do estilo.

A tendência irá se destacar nas obras públicas, sendo o primeiro exemplar do classicismo imperial brasileiro o prédio da Academia Militar do Rio de Janeiro, projetado pelo engenheiro francês P. J. Pezérat na segunda metade dos anos de 1820, em razão da fusão de tradições arquitetônicas luso-brasileiras, formando assim uma frontaria moderna e classicista. O Hospital da Beneficência Portuguesa no Rio de Janeiro (1853-1858) apresenta muitas das características que marcam o Classicismo Imperial Brasileiro, servindo de modelo ao mais antigo componente do acervo do Classicismo à Brasileira, o Hospital da Misericórdia de Fafe, que fora inaugurado bastante incompleto em 1863 [fig.02 e 03].



Fig 02. Hospital da Beneficência Portuguesa, 1853-1858, Luiz Hosxe, Rio de Janeiro, Brasil (Fot. Acervo Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro, [s.d.]).



**Fig 03.** Hospital da Misericórdia de Fafe, 1858-1863, Fafe, Portugal (Fonte Coleção Municipal de Postais – Município de Fafe, [início dos 1900].

Percebe-se, portanto, que o início do classicismo à brasileira na arquitetura pública em Portugal ainda será bastante dependente do seu modelo de origem – o classicismo imperial brasileiro, embora sejam notáveis algumas variações. As principais distinções encontram-se na platibanda, na fenestração do primeiro andar e na faixa de separação dos pavimentos, conforme analisa Alberto Sousa: “Quase todas as mudanças feitas neste na hora de reproduzi-lo contribuíram para tornar a frontaria fafense menos elegante que a carioca. A platibanda cheia roubou boa parte da força visual do frontão arqueado. As janelas de verga reta no andar romperam a homogeneidade da fenestração, uma das razões principais da beleza do alçado do hospital carioca. E a decisão de separar os pavimentos com uma estreita cimalha, uma persistência estética do estilo chão, privou a elevação da larga faixa horizontal escura que no último edifício foi proporcionada por um entablamento completo e mostrou-se tão benéfica à composição” (Sousa, 2007: 76-77).

Assim, pode-se dizer que a linguagem classicista do período Imperial teve uma enorme influência nas instituições de saúde a serem estudadas.

O Norte de Portugal é o lugar das principais evidências da saída e do retorno do “Brasileiro” (Monteiro, 2000:104), sendo a cidade do Porto o local privilegiado para tal. O migrante em retorno serve de exemplo de progresso, e faz crescer a produção agrícola, além de emprestar capital a juros. As vilas recebem as novas elites liberais, que assumem o comando de confrarias e irmandades; na segunda metade do XIX as Vilas ganham importância como sedes de administração no novo padrão liberal da República.

O regresso dos portugueses que obtiveram sucesso nos negócios em terras brasileiras gera a produção de uma arquitetura de linhas clássicas, a qual estes ‘brasileiros de torna-viagem’ buscam reproduzir em suas cidades-natal. Os capitais dos brasileiros de torna-viagem, os quais passam a receber o título



Fig 04. Hospital Conde de Ferreira, 1868-1883, Porto, Portugal (Fot. de Cybelle Salvador Mirandar, 2012).

de comendadores, servem para implantar as novas indústrias, e suas marcas como beneméritos aparecem nas fachadas de Hospitais, Asilos, Escolas e Teatros “como actos com sentidos de distinção individual e vínculos às origens” (Monteiro, 2000:105).

Para Jorge Braga *apud* Monteiro (2000), as soluções arquitetônicas empregadas por estes proprietários são reproduções desfocadas de soluções formais afrancesadas e do revivalismo de cariz italiano. Contudo, o autor destaca que a definição do partido geral e dos ambientes das novas moradias obedecia ao que rege a legislação da época, segunda metade do século XIX, tanto em Portugal quanto no Brasil, não sendo arbítrio exclusivo dos proprietários, muito embora incorporadas por estes como sinais de refinamento e distinção social.

Só na segunda metade do século XIX os emigrantes portugueses no Brasil adquiriram prestígio como doadores de recursos às misericórdias metropolitanas.

Os beneméritos do século XIX acrescentaram às suas doações verbas destinadas à construção de estabelecimentos de assistência que tomariam o nome do doador, instituição de missas por alma do testador a serem assistidas por todos os internos na instituição e visitas oficiais quando do regresso dos doadores a sua terra natal. Como exemplo temos o Hospital de Alienados Conde Ferreira e o Estabelecimento humanitário Barão de Nova Sintra: este determinou que fossem rezadas missas na capela do seu asilo nos aniversários de sua morte.

Quanto ao Conde de Ferreira, já era nobre quando legou recursos à Misericórdia do Porto: Joaquim Ferreira dos Santos, o maior benemérito da Misericórdia do Porto no século XIX, representa, segundo Isabel Sá, uma história de vida singular. Nascido em 1782 numa família de lavradores de Campanhã, emigrou para o Brasil enquanto filho excluído da herança agrícola da família, em 1800 (Sá, 2000). Entre seus negócios destaca-se o tráfico negreiro entre Angola e Brasil.

Os seus problemas com a Lei brasileira de 1830, que extinguiu o tráfico negreiro (sendo posteriormente revogada), fizeram-no regressar ao Porto em 1832. Lá, reintegrado ao círculo de comerciantes, recebeu os títulos de Barão, Visconde e Conde entre 1842 e 1850.

Com seu falecimento, em 1866, deixou em testamento recursos para a construção de 120 escolas e o Hospital, o que representou “uma gigantesca lavagem da memória” deste personagem (Sá, 2000: 129). Segundo o notário, a inspiração para a construção do hospício fora uma conversa que tivera com o imperador Pedro V, durante um jantar no paço portuense. O hospital seria dependente da Santa Casa de Misericórdia do Porto, com caráter autônomo e privado, uma vez que a Misericórdia se eximia de qualquer responsabilidade financeira perante o estabelecimento. Inaugurado 15 anos depois do início das obras (1868), recebeu os primeiros internos a partir de exame feito pelos Doutores Senna e Júlio de Mattos.

Segundo o testamento, o edifício deveria ser executado com perfeição e solidez, sendo construído a Nordeste da cidade, no local da Cruz das Regateiras, cuja arquitetura foi inspirada no Hospício Pedro II, inaugurado em 1852, no Rio de Janeiro. Na fachada, a estátua do Conde de Ferreira sobressaía, e o prédio foi implantado em um terreno de 120 mil metros quadrados, com áreas livres para jardins e plantações (Pereira *et al*, 2005).

A investigação em curso, que teve início em novembro de 2013, tem como meta a consolidação de uma Rede de pesquisadores luso-brasileiros voltados à História da Arquitetura da Saúde, dando continuidade à colaboração iniciada no projeto anterior com a Universidade de Lisboa, Instituto de História da Arte, integrando o Grupo de Pesquisa “Saúde e Cidade: arquitetura, urbanismo e patrimônio cultural”, registrado junto ao Conselho Nacional de Pesquisa CNPq.

O método empregado na pesquisa de campo toma como referências a imbricação que Bloch (1993) faz entre história e antropologia, o pensamento historiográfico benjaminiano (1985) e a noção de Documento em Le Goff (2003). Em Bloch será aproveitada a noção de historiador crítico, que pretende atingir o passado a partir do presente (método regressivo), também explícita na visão de ‘escavar e lembrar’ benjaminiana.

Como toda fonte é problemática, no sentido em que todo documento não é suficiente para iluminar o objeto de estudo sem que seja o mesmo criticado em sua condição de produção e de manutenção, deve-se partir nesse estudo do seguinte problema: entender os hospitais como documentos das relações entre Brasil e Portugal, expressas na solidariedade e assistência aos migrantes proporcionada pelas Beneficências e Misericórdias. Considera-se fundamental o uso de fotografias, não só para registrar eventos no campo, bem como para analisá-las como texto. A leitura do material simbólico será feita a partir da análise de documentos escritos e iconográficos, considerando para a qualificação das edificações hospitalares a iconografia passada e presente, os relatos em fontes primárias e em periódicos, bem como a análise arquitetônica e estilística das edificações.

Até o presente, foram realizadas as etapas referentes à pesquisa documental, bibliográfica e iconográfica local acerca do Hospital D. Luiz I da Beneficente Portuguesa de Belém, destacando-se os acervos de periódicos do Grêmio Literário Português e da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Pesquisa documental, bibliográfica e iconográfica acerca dos Hospitais da Beneficência Portuguesa, da Faculdade de Medicina e do antigo Hospício Pedro II do Rio de Janeiro também se encontram em desenvolvimento.

As etapas previstas para 2015 incluem pesquisa bibliográfica e iconográfica em Lisboa, notadamente no Arquivo do Arco do Cego e no Arquivo Inter-médio, acerca de arquitetos portugueses que tenham emigrado para o Pará na segunda metade do século XIX, destacando-se o projetista da Beneficente Portuguesa de Belém,. Em seguida, far-se-á pesquisa iconográfica sobre o Hospital do Conde de Ferreira (Porto) e Hospital S. José da Misericórdia de Fafe. Após a conclusão da coleta de dados primários será feita a sua sistematização e elaboração de quadros comparativos: os dados coletados nas etapas anteriores serão tabulados, sendo produzidos artigos que reflitam as relações estéticas entre os hospitais estudados e produção do Relatório Final. Já como resultados, houve a defesa de Dissertação de Mestrado “Hospital D. Luiz I da Benemerita Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará como documento/monumento” e a conclusão de Artigos referentes a Planos de Iniciação científica.

## BIBLIOGRAFIA

BASTOS, Daniel – *Santa Casa da Misericórdia de Fafe – 150 anos ao Serviço da Comunidade (1862-2012)*. Fafe: SCM Fafe, 2012.

BENJAMIN, Walter – “Escavar e lembrar”. \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre Literatura e História da Cultura. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 203.

BLOCH, Mark – *Os Reis Taumaturgos. O caráter sobrenatural do poder régio na França e na Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DERENJI, Jussara – “Arquitetura Eclética no Pará no período correspondente ao ciclo econômico da borracha: 1870-1912”.

FABRIS, Annateresa – *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, Edusp, 1987. pp. 146-173.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MONTEIRO, Miguel – “Representações materiais do “Brasileiro” e construção simbólica do retorno”. *Camões Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, 11 (out-dez 2000). (Pontes Lusófonas III Arquiteturas luso-brasileiras)

PEREIRA, Pedro Teixeira; GOMES, Eva; MARTINS, Olga – “A alienação no Porto: o Hospital de Alienados do Conde de Ferreira (1883-1908)”. *Revista da Faculdade de Letras HISTÓRIA*, 6, III série, (2005), 99-128.

Sá, Isabel dos Guimarães – “*Misericórdias, Portugueses no Brasil e Brasileiros*”. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses – Os brasileiros de Torna-Viagem no Noroeste de Portugal. Lisboa: CNCDP, 2000, pp. 117-133. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/4341> [2012.08.27].

SOUSA, Alberto – *A variante portuguesa do classicismo imperial brasileiro*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2007.